

manuel rojas. simplesmente.

sebastián allende

Escrever sobre a obra de Manuel Rojas, leitor, não é fácil, pois seus relatos cruzam com certa experiência mundana: sua vida. Nascido na Argentina, emigrou a terras chilenas e rapidamente se integrou ao movimento sindical libertário existente, no nosso país, no começo do século XX. Muitos dos homens que ele conheceu e sempre respeitou muito estiveram presentes, de algum modo, em contos como “Laguna” ou no seu romance *Hijo de ladrón* [Filho de ladrão], provavelmente, a narrativa mais memorável do século XX chileno: a história de Aniceto Hevia. As prostitutas, os bordéis, os anarquistas, os sapateiros, as injustiças sociais desfilam com maestria nessa tetralogia de mais de mil páginas, pois seguem os volumes *Sombras contra el muro* [Sombras contra o muro], *Mejor que el vino* [Melhor que o vinho] e *La oscura vida radiante* [A escura vida radiante].

Do mesmo modo, as vidas de seus grandes amigos José Domingo Gómez Rojas e González Vera também

Sebastián Allende é escritor chileno; membro coletivo que edita a revista Erosión e do Grupo de Estudios José Domingo Gómez Rojas. É autor de Entre zapatos, libros y serruchos. anarquismo e anarcosindicalismo en Chile (1920-1955). Santiago, Eutrapelia Libre, 2013.

Manuel Roja. Simplesmente.

caminham em suas páginas. O primeiro deles, confessa Rojas, o incentivou a escrever. Não se saiu mal.

Rojas colaborou, ademais, em publicações como *La Batalla*, *Claridad* e, posteriormente, *Babel*, revista de “arte e crítica”, dirigida por Enrique Espinoza. Nas publicações mencionadas registrou suas opiniões sobre o socialismo, a poesia e personagens como Teodoro Antilli, José Martí, Trotsky, Sacco e Vanzetti e – por que não – deixou seus versos. A poesia talvez não tenha sido o seu forte, mas as narrativas e crônicas que nos legou são memoráveis, como atestam “El socialismo y la libertad” [O socialismo e a liberdade] e “Antólogos y antologías” [Antólogos e antologias], publicados em *Babel* na década de 1940.

Como pessoa, destacava-se sua simplicidade e trato cordial, ainda que seus quase dois metros de altura – e sua experiência com boxe – lhe dessem um ar de rude. Numa entrevista publicada em 1971, dizia que não tinha ouvido para música e confessava que seu inglês era péssimo. Como todos os talentosos, foi um homem simples: o pedantismo e a arrogância pareciam ser o atavismo dos imbecis... de espírito. É claro! Estudou nos Estados Unidos e em outros países; e sua obra foi traduzida para um sem-número de línguas. Escritor universal?

Atualmente, é considerado um precursor do “boom latino-americano” por romper com a estrutura clássica do relato e introduzir elementos da chamada “corrente da consciência”, cujo melhor exemplo é o *Hijo de ladrón*.

Por isso, recordar Manuel Rojas, leitor, significa imaginar um autodidata que chegou a ser um escritor exemplar, divertido, coloquial, mas não superficial. Floridor Pérez fala da “romanesca vida do romancista”.

Isso pareceria resumir seu peregrinar, ainda que o limite entre sua vida e seus personagens – e nisso insisto, leitor – parecesse tênue. A fome e a miséria não foram contadas a Manuel Rojas, pois as viveu. Daí que o retrato feito de seus personagens não seja “cor de rosa”, tampouco traga sentimento de culpa com relação aos setores operários. E se chamou Manuel Rojas. Simplesmente.

Tradução do espanhol por Thiago Rodrigues.

Recebido em 20 de outubro de 2013. Confirmado para publicação em 10 de novembro de 2013.